Capitalismo de desconstrução e solidão

Luiz Marques

19/11/2026

Comentário a partir de um livro de Georges Minois



1.

A “solidão” distingue-se sob as formas: (i) emocional, por falta de companheiros; (ii) social, pela ausência total de vínculos; (iii) situacional, motivada pelo luto ou mudança de cidade. Provoca anomalias cardíacas, transtornos psíquicos e diabetes tipo 2. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) atinge uma em seis pessoas, em um desafio constante à saúde pública e aos direitos. Ver o “Portal do Envelhecimento e do Longeviver”.

Para enfrentar os efeitos da solidão sobre a expectativa de vida, o Reino Unido criou um Ministério da Solidão ainda em 2018. Então nove milhões padeciam em uma situação crítica e duzentos mil idosos não conversavam com os amigos ou os familiares havia no mínimo um mês. Noutras palavras, morria-se prematuramente e muito sozinho nos domínios do rei Charles III.

As políticas da dama de ferro Margaret Thatcher – privatizações, flexibilização trabalhista, reforma da previdência, redução dos serviços de proteção social – produziram consequências calamitosas individualmente e abriram caminho para o *Brexit* e o para o autoritarismo da extrema direita.

O Japão instituiu o Ministério da Solidão, em 2021, para combater o isolamento. Na pandemia do coronavírus registrou mais de vinte mil suicídios, sobretudo de mulheres e estudantes. A revolução da longevidade nos países desenvolvidos expôs, com a “latinização” dos indicadores sociais, um descompasso entre os recursos técnicos disponíveis e as condições de vida.

O abandono do “capitalismo de reconstrução” cobrou um preço elevado em desigualdade e morte. O “capitalismo de desconstrução”, como Thomas Piketty denomina o desastre civilizatório causado pelo neoliberalismo, alimenta a necropolítica que normaliza a exclusão. O canto de sereia das finanças sobre a “modernização” leva ao apocalipse. Vidas humanas contam menos quando a acumulação do capital se torna um fim em si mesma.

2.

Em *História da solidão e dos solitários,* Georges Minois observa que, na Grécia e na Roma antigas, prevalecia a concepção aristotélica do ser humano como *zoon politikon,* animal social destinado à vida na *Pólis*. A solidão não era um valor positivo. Pensadores, em retiro no campo, justificavam-se o com reflexões sobre manter o espírito sereno na existência em comunidade.

No cristianismo, o afastamento do mundo protegia das perseguições. Após a sua conversão em religião oficial, difundiram-se os "padres do deserto", dedicados a uma purificação da alma pela fé. O isolamento se verifica com uma tolerância ao convívio (cenobitismo) ou em clausura (eremitismo). N Idade Média os mosteiros impunham regras rígidas à solidão impregnada de misoginia e supremacismo. Os preconceitos atravessavam séculos, impunes.

Na Renascença, com a Reforma Protestante, desenrolou-se a solidão humanista fundada na interioridade e no contato pessoal com o divino. Contestava-se a estrutura hierárquica da Igreja, a começar pelo papado. Os retiros serviam para rezar, ler e escrever. O deserto hostil foi substituído pelo jardim das musas. A devoção combinava o individualismo e o prazer.

Nos séculos XVII e XVIII, a laicidade do Estado e o enfrentamento ao Absolutismo ganharam força. A "Revolução Gloriosa" converteu os direitos civis no aríete de mudanças. A autonomização se transformou em um ideal. Contra a misantropia filosófica firmou-se a consciência de que o *Homo sapiens* é um ser social. A purificação dependia do engajamento político.

No século XIX, os indivíduos conquistaram um protagonismo histórico. Henry D. Thoreau, mestre da "desobediência civil", refugiou-se em uma cabana no bosque. O solitário tornou-se herói da máxima: "A independência individual é a primeira das necessidades modernas". Na atmosfera do cada um por si, a individualidade recebeu um salvo-conduto para o Eu soberano. Sequer os mortos escaparam à individuação dos túmulos com fotos na lápide.

3.

O século XX foi o século das massas. guerras, esportes, lazer, partidos, consumo. Os números passaram a ditar as leis. Era a época da "multidão solitária". Se antes a solidão implicou isolamento físico, agora ocultava-se no silêncio das mulheres, pretos, jovens, aposentados. Não por acaso, o existencialismo emergiu sob o signo da emancipação individual. A sociedade orgulhava-se de seus traços narcísicos e hipervalorizava a aprovação alheia.

O antiindividualismo surge na encíclica do Papa Pio XI e nos discursos socialistas em prol do coletivo. Os *hippies* produziram o refrão. Em um polo oposto, Milton Friedman enalteceu o ultraliberalismo econômico e Robert Nozick exaltou os indivíduos em detrimento das nações e dos Estados.

Com o *Homo communicans* estabeleceu-se o trialismo corpo-alma-celular. Eu me comunico, logo existo. Com um clique, o internauta julga não estar só. Sente-se solidário na rede social. A solidão vira solidariedade. Pena acordar do transe para confrontar a realidade. Haja ansiolíticos.

Georges Minois não responsabiliza diretamente o individualismo pelo isolamento social. Denuncia a solidão paroxística na "sociedade da hiperconexão". No ensaio publicado em 2013 pela Arthème Fayard e traduzido em 2019 pela Editora Unesp (*op. cit.*), examina "as coerções da vida contemporânea, suas exigências, seus valores, suas normas" (p. 417), sem de modo explícito interpretar o fenômeno à luz da marcha do capitalismo de desconstrução.

Não obstante, a competição no empreendedorismo – a última chance de alçar a dignidade – gera o mal-estar na "nova razão do mundo". A descontextualização do fracasso laboral compromete a autoestima do trabalho, enquanto o mercado aprofunda as desigualdades na ordem do egoísmo.

O presidente Lula acerta propondo o Ministério dos Idosos. Afinal, a solidão etária é o espectro assombroso que ronda o século XXI.

***Luiz Marques** é Docente de Ciência Política na UFRGS; ex-secretário de Estado da Cultura / RS.*

Compartilhe nas redes: